Opinião do GLOBO

Estatais ainda custam caro ao contribuinte

Entre 2016 e 2022, apesar de avanços nos números, Tesouro gastou mais de R$ 150 bilhões para sustentá-las

Quando se fala em estatais, pensa-se logo em Petrobras, Banco do Brasil, Correios ou Caixa. Mas o universo das empresas públicas no Brasil é mais amplo e diversificado. Ainda há estatais destinadas a fabricar chips ou hemoderivados, a aeroportos, trens urbanos ou telecomunicações, a abastecimento, pesquisa agrícola ou desenvolvimento regional. Sobretudo num momento de crise fiscal, em que o governo resiste por razões ideológicas a qualquer privatização, é importante avaliar se ao menos elas têm sido bem geridas. A conclusão é que, do final do governo Dilma Rousseff até a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve avanços.

O Ministério da Gestão e da Inovação mantém dados históricos de 88 estatais, tanto aquelas que dependem do Tesouro quanto as que, em teoria, se sustentam. Entre 2016 e 2022 — governos Michel Temer e Jair Bolsonaro —, o programa de desestatização e saneamento das finanças obteve resultados mensuráveis. Em valores correntes, atualizados pelo IPCA, o ativo total das empresas caiu 13,2%, de R$ 7,1 trilhões para R$ 6,1 trilhões. O endividamento diminuiu mais da metade, de R$ 661,7 bilhões para R$ 324,8 bilhões. E o resultado financeiro subiu de R$ 6,6 bilhões para R$ 304,4 bilhões.

Mas isso não significa que as estatais tenham deixado de custar ao contribuinte. As subvenções que o Tesouro distribui para evitar que várias quebrem somaram, de 2016 a 2022, R$ 151,5 bilhões. No período, o dispêndio anual aumentou 24,2% em termos reais.

Há casos em que o apoio do Estado pode ser justificado com base nos benefícios sociais ou econômicos. Entre eles, a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), administradora de mais de 40 hospitais universitários ligados ao SUS. Ou a Embrapa, laboratório de pesquisa e desenvolvimento responsável pelo impressionante avanço da agricultura e da pecuária no país nas últimas décadas.

O mesmo não se pode dizer da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), cria da sucateada Rede Ferroviária Federal que recebe mais de R$ 1 bilhão anuais dos cofres públicos (em 2022, foi R$ 1,6 bilhão, 33% a mais que em 2021). Tal peso sobre o contribuinte é mais uma prova da necessidade de novas concessões ferroviárias.

Também é insensato manter o Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec), resultado de um desvario nacional-desenvolvimentista que imaginou uma estatal para competir no mercado de semicondutores. Criada em 2008, segundo governo Lula, a empresa estava para ser liquidada na gestão Bolsonaro, mas foi resgatada na volta do PT ao Planalto. Sem relevância, sobrevive de repasses milionários (foram R$ 40 milhões só em 2022, ano em que deveria ter sido vendida).

Outra prova da dificuldade de fechar estatais inúteis no Brasil é a longa sobrevida da Valec, subsidiária da já privatizada Vale mantida por subvenções. Em 2022, foram R$ 154,8 milhões, 15% acima de 2021. Outra que demonstra resistência a desaparecer é a Telebras. Privatizadas as empresas de telecomunicações nos anos 1990, ela continua a existir e, apenas de 2020 a 2022, recebeu cerca de R$ 740 milhões em auxílio do Tesouro.

No universo dessas 88 estatais, sempre vale repetir, gasta-se muito dinheiro que faz falta na saúde, na educação, na segurança pública ou na prevenção de catástrofes ambientais.

Golpes com uso de inteligência artificial exigem maior atenção de autoridades

Cidadãos e empresas precisam se precaver contra áudios e vídeos fraudulentos criados por IA

Novas ferramentas de inteligência artificial (IA) têm se tornado armas poderosas nas mãos de criminosos. O mundo do crime já usa técnicas capazes de simular com perfeição a voz e a imagem em áudios e vídeos conhecidos como *deepfakes*. Como relatou reportagem do GLOBO, uma estudante de enfermagem começou a receber chamadas insistentes de números desconhecidos. Atendeu uma delas e ouviu uma mensagem eletrônica pedindo que confirmasse dados pessoais para atualização de cadastro. O telefonema não passou de um minuto, mas foi o suficiente para que sua voz fosse gravada. Não demorou muito para sua mãe receber um telefonema simulando, com a voz da filha, o pedido de um depósito na conta de uma amiga desconhecida.

Outra vítima, influenciador de rede social com 20 mil seguidores, se surpreendeu ao encontrar um vídeo numa rede social em que ele, numa praia, relatava como ganhara dinheiro fácil investindo R$ 1 mil para ter um lucro quase instantâneo de R$ 10 mil. Constavam ainda da postagem diálogos falsos dele com alguém a quem atribuía ajuda no investimento, além de diversos comprovantes bancários. Mais um golpe típico da era dos *deepfakes*.

Tais exemplos revelam a que ponto chegam as artimanhas dos golpistas facilitadas pelo uso da IA. De acordo com o Instituto de Segurança Pública (ISP) do Rio de Janeiro, durante quase uma década foram registrados apenas 201 golpes de estelionatários no meio digital. Só no ano passado esses casos chegaram a 11.485. Os golpes via internet ficaram à frente de estelionatos cometidos em lares (8.035), na via pública (3.948), no estabelecimento financeiro (2.752) ou em loja comercial (2.109). Neste ano, os registros totais de estelionatos no Rio já cresceram 14,5% no primeiro trimestre. Certamente haverá mais denúncias de uso de IA ou outras ferramentas para acesso ilegal a contas bancárias, investimentos ou cartões de crédito.

A facilidade torna esse tipo de golpe irresistível para os criminosos. A criminalidade se sofistica na mesma proporção do avanço das tecnologias digitais. É preciso desconfiar sempre de telefonemas ou mensagens com ofertas mirabolantes para compra de bens ou investimentos, além de evitar atender ligações de números desconhecidos. Não apenas os cidadãos, mas também as empresas precisam se precaver contra essas ações criminosas, por meio da criação de departamentos de segurança digital ou da contratação de consultorias especializadas para se proteger. Por fim, governo, Congresso e Justiça têm de trabalhar para oferecer à sociedade ferramentas jurídicas robustas capazes de coibir essa nova vertente do crime.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
carlos@oglobo.com.br

ARTIGO

A rota verde do planeta

PAULO HARTUNG E
JOSÉ CARLOS DA FONSECA JR.

Se a humanidade desequilibrou o meio ambiente a tal ponto de vivenciarmos uma crise climática sem precedentes, é dela a responsabilidade de contornar esse que é um dos maiores desafios das atuais gerações. Aos passos de hoje, caminhamos para um aumento irreparável de desastres naturais, quedas abruptas de produção, enfim, um horizonte sufocante.

Faz-se necessária uma combinação de ações para vislumbrarmos êxito nessa batalha. De olho no amanhã, é de suma importância diminuir o volume de emissões de CO_2. Investimentos em inovação e tecnologia são aceleradores para reduzirmos o despejo de dióxido de carbono na atmosfera.

O setor de árvores cultivadas brasileiro, exemplo global de sustentabilidade, é um dos casos que demonstram na prática ser possível aplicar a bioeconomia em larga escala. E mais, ilumina o caminho que pode estabelecer o Brasil como potência no assunto.

Essa é uma agroindústria que planta, colhe e replanta em quase 10 milhões de hectares, comumente em terras antes degradadas. Junto a isso, são mais 6,7 milhões de hectares de mata nativa preservada, equivalente ao território do Estado do Rio de Janeiro.

Com manejo sustentável, criam-se corredores ecológicos. Números concretos traduzem essa realidade. Em áreas de companhias do setor já foram avistadas mais de 8 mil espécies de fauna e flora, devidamente monitoradas e reportadas. Tudo atestado por rigorosas certificações internacionais, como FSC e PEFC, que há décadas vêm elevando o sarrafo de suas exigências e continuam mantendo a chancela ao trabalho realizado.

Esse é um setor que tem 1 milhão de produtores rurais parceiros no cultivo de árvores para suprimento de madeira, o que diversifica a renda familiar e auxilia no manejo sustentável nas propriedades. Impacto positivo também nos mais de mil municípios em que o setor atua, gerando 2,5 milhões de empregos.

No processo industrial, o uso de energia renovável é uma realidade. Esse conjunto de cuidados socioambientais resulta numa biorrefinaria que provê soluções que estocam carbono e são recicláveis, como embalagens de papel, canudos, viscose para roupas, itens de higiene, entre muitos outros. Produtos substitutos daqueles de origem fóssil.

Não existe solução mais eficiente para captar CO_2 da atmosfera do que a fotossíntese das plantas

É uma experiência de muito valor para o Brasil caminhar rumo ao cumprimento de compromissos ambientais firmados internacionalmente. Na COP de Paris, o país se comprometeu a restaurar 12 milhões de hectares de florestas até 2030. Há também iniciativas nascentes que caminham nessa direção, como a Symbiosis, empresa de silvicultura de espécies nativas, assim como atividades de restauro baseadas em Pagamentos por Serviços Ambientais, a exemplo de Biomas, Mombak e re.green, para mencionar apenas algumas. Para todos, são três os principais desafios: segurança jurídica para caminharmos com temas fundamentais, como o mercado regulado de carbono; produção de sementes e viveiros de mudas.

É nesse ponto que as rotas se cruzam, pois as décadas de trabalho em laboratórios permitiram às companhias do setor de árvores cultivadas para fins industriais chegar a resultados invejáveis. Planta-se 1,8 milhão de árvores produtivas todos os dias no país. Produção de mudas em massa, adaptadas a diferentes tipos de solo e de clima. É um modelo orientador para o avanço das atividades de restauração florestal no Brasil.

Não há solução mais eficiente para captar CO_2 da atmosfera do que a fotossíntese das plantas. No país, são cerca de 80 milhões de hectares de terras com algum nível de degradação, segundo a Universidade Federal de Goiás, boa parte passível de conversão. Se usarmos essa área com sabedoria, faremos da potencialidade uma realidade.

Plantar árvores não é mero discurso. Com conhecimento e respeitando biomas, podemos colocar a ciência a serviço da natureza, impulsionando o Brasil a protagonizar essa reorganização verde da rota humana.

Paulo Hartung, economista, é presidente executivo da Ibá e foi governador do Estado do Espírito Santo. **José Carlos da Fonseca Jr.**, embaixador, é presidente executivo da Empapel

N. da R.: Merval Pereira voltará a escrever no dia 2 de junho

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maim, André Vieira da, Fábio Barbosa, Luiza Bapista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiis - leila.suwiis@oglobo.com.br
Saúde: Ariana Dias Lopes - ariana.dias.lopes@oglobo.com.br
Segunda Capa: Marcelo Bathia - bathia@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Gabriela Goulart - ggoulart@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Bathia - bathia@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.G: Mariana Caruso - mcaruso@oglobo.com.br
Bairros: Viktor Calmon Filho - mailcin@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Maurício Xavier (interino) - mauricio.xavier@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito ou débito automático em conta-corrente (preço de seguinte ao mês vigente)
para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não aceita em capitais para entrega de muito numerosa de assinaturas. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO em uma parte de vendas, acesse para vendas@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5501 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350
Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4033
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC MIX PAPER
A marca do consumidor consciente
Leia mais e faça pergunta. Certificado FSC
CARBON FREE